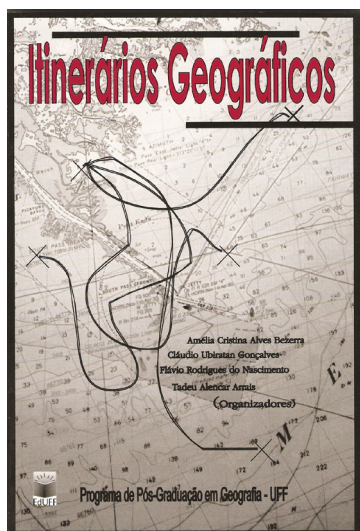


RESENHA

BEZERRA, Amélia C. A.; GONÇALVES, Cláudio U.; NASCIMENTO, Flávio R. do.; ARRAIS, Tadeu A. (Org). *Itinerários geográficos. Niterói, Eduff, 2007. 358 p.*

Antonio Elísio Garcia Sobreira – UNESP



Itinerante é o que se desloca de lugar para lugar, mas itinerário é caminho a percorrer. Transladam essa reunião de textos intitulada Itinerários Geográficos alguns marcos importantes que merecem destaque.

Seus organizadores são contemporâneos do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense que abriga um número de geógrafos relevantes na história do pensamento geográfico nacional que toma vulto para além das fronteiras da língua portuguesa.

Essa identidade é um primeiro catalizador de perspectivas que deve ser apreciada sem veleidades, mas com rigor de uma fase que vislumbra a Geografia brasileira de

início de século que não acanhadamente começou.

Seus organizadores são também autores de textos desta edição e optaram por congregarem os trabalhos em três trajetórias que denominam: Itinerários Territoriais, Urbano-Regionais e Agrário-Ambientais. Com essa opção fica explicitada a conjugação de esforços e do trabalho coletivo que é marca maior da ousadia intelectual e sentimento cooperativo que se inspiraram.

A argamassa que une estes trabalhos é por um lado política e por tantos outros uma utopia que se consolida através das distintas perspectivas teóricas apresentadas em cada texto. Estes registros favorecem a pesquisa e funcionam como um panorama do que se tem produzido e que multiplicidade de ensinamentos esses estudiosos tem conseguido explanar sobre suas trajetórias acadê-

micas acalentadas dentro de um programa de pós-graduação em Geografia.

Alguns dos textos poderão ser agrupados por afinidade e proximidade teórica outros aqui descritos receberão tratamento específico sem o qual não seriam compreendidos seus propósitos e sentidos. No fim desse escopo analítico será intentado um alinhamento teórico do qual se antecipa como possível e qualitativamente necessário dentro da produção acadêmica em estudos geográficos.

O Trajeto I – Itinerários Territoriais está composto por cinco textos, a perspectiva teórica é múltipla sobre o conceito de território. Os três primeiros textos, Cruz, Malheiros e Figueiredo, enfocam a questão do método e do território em seu aspecto relacional, e identitário; as inobservâncias, tanto das características físicas como sociais e de exclusão, aparentando-se muito e seu construto e sendo necessário uma leitura em conjunto dos três, pois que são particulares e complementares sobre o conceito de território.

Os dois textos seguintes estão dedicados à epistemologia. Um direcionado ao arcabouço da Geo-História de Silva, e o outro de Ribeiro, refletindo sobre a racionalidade e irracionalidade e sobre novos elementos para a análise geográfica (reta, círculo, pontilhado e espiral). São esses artigos preocupados com o rigor científico e com a teoria da Geografia que oferecem pertinente diálogo para aos interessados em epistemologia e conceitos. Os dois textos são tão densos quanto necessários para uma compreensão do pensamento geográfico e território. Esse primeiro bloco de textos serve como preparatórios dos textos seguintes que apresentam estudos de caso, com bases empíricas, a aplicabilidade técnica e fomento qualitativo do discurso geográfico.

Em Trajeto II – Itinerários Urbanos-Regionais - há cinco textos em que os conceitos de região e urbano são observados. Os textos possuem eixos particulares entre eles que são definidos pela identidade conceitual e sua permanente re-conceitualização, com o sentido de planejamento e gestão regional e urbana inextrincavelmente aos parâmetros éticos e culturais.

A inseparabilidade dos conceitos contrapõe-se ao sentido pejorativo que aplaina o regional e o urbano. A festa tem tanto lugar quanto a ética da gestão. O contexto e a globalização não eliminam os conceitos-chave e nem extermina seu papel elucidativo da realidade e, por isso, não há “fins” para região nem para Estado-Nação. Arrais provoca que há governabilidades a serem conquistadas e daí a urgência do retorno do planejamento regional, agora, como desafio político em outras bases conceituais e éticas. Novaes, abordando a metade Sul Gaúcha, não abandona a escala do Estado-Nação,

e o regionalismo não é um porém sem valor teórico, se incluir o movimento emancipatório ocorrido na década de 1980 que se pautou ideologicamente na desigualdade regional e identidade ali emergida.

A periferia não é uma não-região, não é um não-urbano, no sentido de importância e urgência a periferia é centro e rede da ética para a região que aborda Gonçalves do conhecimento geográfico e que recorre Alves. A argamassa que une tragicamente as escalas, une periferia, região e o global, mas poderia ser pela festa. Mossoró é global e particular, e Bezerra traz o tempo do espetáculo como epicentro da manifestação cultural e sua relação com a cidade e identidade pela festa. A ética e região em Gonçalves e a periferia em Alves não são metáforas. Talvez, aos seus modos distintos os cinco autores divulgam não é o fim dos conceitos de região, mas um desenho ético de uma sociedade sem periferias e que se desenvolve sem margens, como um espaço de equilíbrio nas regulações, nas hierarquias e nas diversas escalas, do familiar, do conhecido, do estranho e do excepcional como destaca Gonçalves.

No Trajeto III – Itinerários Agrário-Ambientais estão incluídos sete trabalhos com prospecções teóricas variadas que estão em sua maioria pautados em estudos de caso sobre a questão rural, agrária e ambiental.

Silva conceitua território e territorialidade enlaçando as antagonias entre a territorialização do agronegócio e do camponês brasileiro, evidenciando aspectos ideológicos que favorecem o primeiro como moderno, e o segundo como empecilho. Ribeiro e Binsztok analisam a forma da apropriação da agricultura no Sudoeste de Goiás e o projeto de modernidade trazido pela revolução verde, ambos evidenciados em sua perspectiva de crescimento horizontal e vertical. A modernidade como discurso contra a rusticidade cria condições ideológicas para a territorialização do capital produtivo recordista em produção de grãos, que é indiferente à pobreza que produz no Sudoeste de Goiás.

A preocupação de Azevedo é específica com a existência estética da ruralidade das paisagens em áreas urbanas brasileiras, e que em sua análise serve como instrumento para compreender a formação de muitas espacialidades urbanas. Com essa forma de apreensão da paisagem, Azevedo oferece uma discussão teórica desafiadora, mas capaz de agregar em projetos, geógrafos, arquitetos e urbanistas que compreendam a formação das paisagens e a influência da ruralidade nas paisagens brasileiras.

Nascimento, Cunha e Rosa seguem pelo tema da desertificação no Ceará. Os três autores reúnem esforços teóricos e empíricos para discutir a escassez de água e alterações ambientais com amplos reflexos sobre a ocupa-

ção rural conceituando os termos desertificação e desertização. A caracterização da potencialidade de limitações dos recursos naturais é pormenorizada e vislumbrada no sentido da gestão de uso e de ocupação das bacias dos rios Groiarias e do Jacurutu, numa perspectiva que envolve a econodinâmica, a sustentabilidade e a vulnerabilidade ambiental.

As unidades de conservação do estado do Rio de Janeiro são avaliadas por Vallejo, que traceja os aspectos da política estadual e da gestão territorial. O percurso histórico das áreas de conservação naquele estado é explorado a partir do ano de 1976, e daí, passando por todas as políticas e órgãos criados para efetivá-las, assim como, o aumento progressivo das áreas acrescidas entre 1969 a 2002. O diagnóstico da atuação da Fundação Estadual de Engenharia e Meio Ambiente (FEEMA) e do Instituto Estadual de Floresta (IEF) evidencia a carência, decadência e redução da dotação orçamentária desses órgãos diante da crescente e complexa tarefa de gerir conflitos e agressões ao ambiente. A gestão desses territórios, segundo Vallejo, convive com a crise estrutural que tem suas raízes historicamente constituídas, e a superação desses limitantes percorre uma adequação dos recursos, priorização de investimentos na área metropolitana, convívio com as outras unidades sob responsabilidade do nível federal, e aumenta a divulgação da importância das áreas de conservação. As políticas de conservação no Brasil, como no Rio de Janeiro devem superar a característica regulatória e restritiva para dar lugar à co-participação das ONGs, das OCIPs e das comunidades envolvidas.

A terceira parte desse livro é terminada com um trabalho feito a quatro mãos por Ribeiro, Figueiredo Jr, Silva e Rosas. O empreendimento desses autores está direcionado para a avaliação do processo de erosão costeira em Atafona, São João da Barra (RJ), através do uso do geoprocessamento para analisar de forma descritiva os aspectos da planície deltaica do rio Paraíba do Sul, enfocando a costa. Os métodos cartográficos são aplicados para mapeamento digital, para avaliar os processo erosivo e permitir a geração de mapas, quantificação da erosão e seu monitoramento no gerenciamento costeiro e produção de informações com finalidades científicas. O uso do SPRING 4.1 e imagens do sistema orbital LNADSAT7 e TM+ são as bases para o levantamento dos dados cartográficos, agregando-se a esses o levantamento de com o uso do Global Position System (GPS) e determinadas as coordenadas com o rastreador GPSmap76S. A aplicação desse instrumental está permitindo gerar e gerenciar um banco de dados espaciais de uso institucional como suporte para as análises geográficas e geológicas relativas à erosão marinha e simulação dos processos erosivos futuros nas feições lito-

râneas da área estudada, validando a escolha metodológica.

A coletânea de 17 textos e seus 22 autores permite uma apreciação da amplitude teórica e metodológica desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Os textos, guardadas suas particularidades, estão comprometidos com a construção de um arcabouço que tenha interesse para a comunidade de geógrafos, mas que busca diálogo com a filosofia e epistemologia com a mesma seriedade que apresenta as informações técnicas. O compromisso desses autores é intensamente mediado pela melhoria da qualidade da política e gestão pública sendo os Itinerários Geográficos mais evidentes os que apelam para uma construção ética e digna de uma territorialidade plena e franca que tanto toma seus elementos no campo das idéias, como no das técnicas, de forma inseparável e necessária, consolidando nessa reunião um dos valores qualitativos dessa geração de autores.

O presente sumário não faz, portanto, jus a tão dedicada produção e, como últimas palavras, deve ser indicada sua leitura pela riqueza, profundidade e multiplicidade de abordagens desses geógrafos. É uma obra múltipla e coerente com as urgências nacionais.

Antonio Elísio Garcia Sobreira – é Doutorando em Geografia pela UNESP-Presidente Prudente

Recebido para publicação em novembro de 2007

Aceito para publicação em março de 2008